

2 O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DO ALGAR DO BOM SANTO

2.1 Localização e descoberta

O Algar do Bom Santo é uma gruta-necrópole situada na Serra de Montejunto a 350 m de altitude (freguesia da Abrigada, concelho de Alenquer, distrito de Lisboa) com as coordenadas: 39°10'25" lat., 09°06'05" long.¹ (fig. 2.1). A serra faz parte dos maciços calcários da Estremadura e corresponde à porção sul do sistema montanhoso Montejunto-Estrela, contígua ao estuário do Tejo. A gruta foi considerada como sítio arqueológico em 1993 (recebendo o código nacional de sítio, CNS: 11528²), depois de ter sido identificada em Novembro desse mesmo ano pela Associação de Estudos Subterrâneos e Defesa do Ambiente de Torres Vedras (AESDA) e do seu valor arqueológico ter sido reconhecido pelo extinto Instituto Português Património Arquitetónico e Arqueológico, IPPAR (atual Direção Geral do Património Cultural, DGPC). O topónimo Bom Santo tem origem no casal, de igual nome, situado nas proximidades (Zilhão e Araújo, 1993).

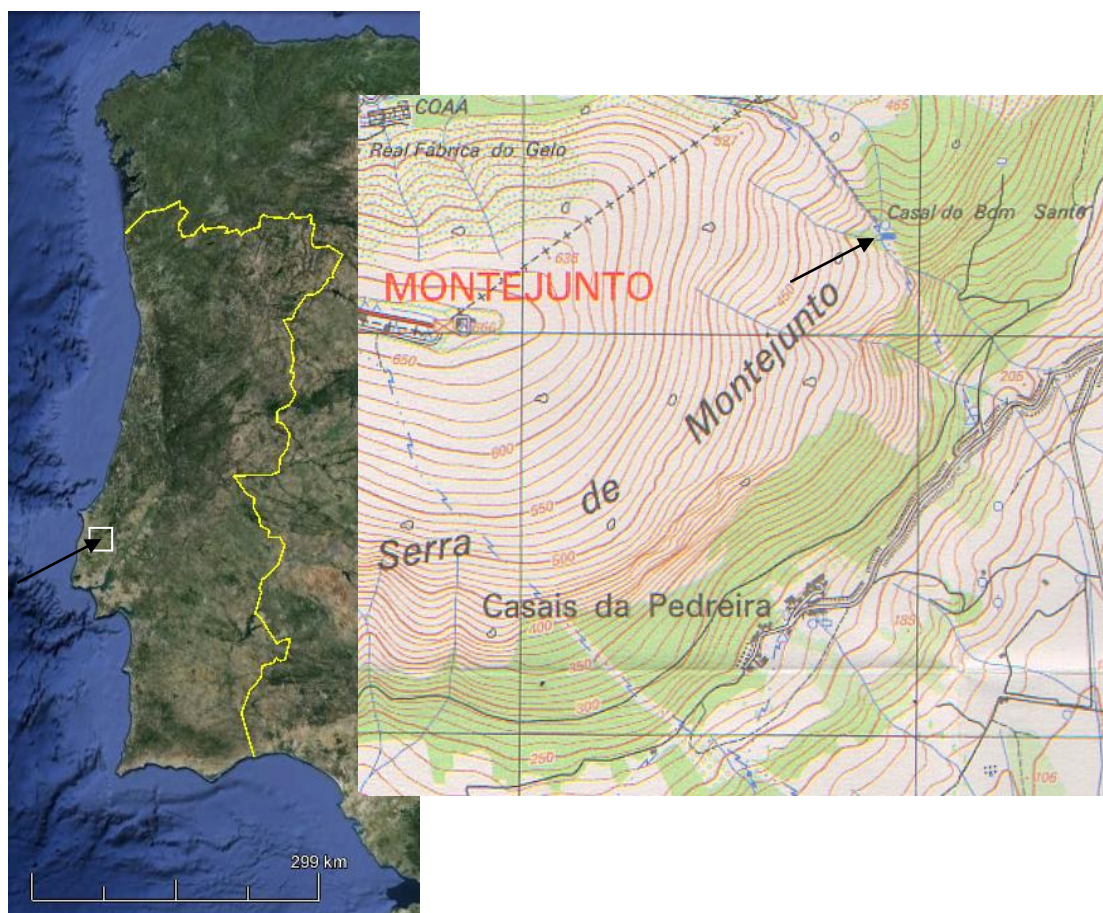


Figura 2.1 Localização do Algar do Bom Santo³. Carta militar Portugal, folha 363, 1:25.000.

¹ http://scrif.igeo.pt/ASP/topo_cr.asp?XX=122494&YY=245720&INE=110101&id=33929&topo=0; consultado em 02/05/2013

² http://arqueologia.igespar.pt/index.php?sid=sitios_resultados&subsid=54710; consultado em 02/05/2013

³ <http://earth.google.com/intl/pt-PT/>; consultado em 01/05/13

2.2 Trabalhos realizados

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos até ao momento distribuíram-se por quatro campanhas arqueológicas: 1994 (Arnaud e Duarte, 1994), 1995, 1997 (Duarte, 1998a) e 2001 (Carvalho et al., 2012), donde resultou a escavação de duas salas e o registo topográfico, fotográfico e em vídeo de toda a área da gruta utilizada como necrópole.

Para a intervenção arqueológica, Arnaud e Duarte (1994) definiram a metodologia que melhor preservasse o contexto arqueológico pós-escavação, mantendo-a nos seus traços essenciais nas três intervenções seguintes. Procederam assim à escavação por camadas naturais, com georreferenciação dos materiais exumados e respetivo registo fotográfico e gráfico. A georreferenciação foi efetuada dividindo a área a escavar em quadrados de 1 m², com a abcissa orientada a este-oeste, a ordenada a norte-sul e o vértice sudoeste como origem na obtenção das coordenadas X e Y de cada peça exumada. A profundidade (Z) foi calculada relativamente à cota da entrada da gruta, registando ainda a direção (e.g. N-S, E-O) do maior eixo do osso/artefacto e sua inclinação (0°, <45°, 45°-90°, 90°). A cada quadrado foi ainda atribuído um número e uma letra sequenciais no sentido sul-norte e este-oeste, respetivamente (fig. 2.3). Cada um foi ainda subdividido em quadrantes com 0,5 m de aresta de acordo com os pontos cardiais (NO, NE, SO, SE) que serviram de unidade de identificação mínima para fragmentos de osso não identificáveis, conchas de caracol e para a crivagem de sedimento. Esta crivagem foi efetuada numa malha de 1 mm em crivo de água, separando o sedimento por quadrante e por camada. O registo gráfico foi realizado em todos os quadrados desde o plano superficial (antes da escavação) ao final (pós-escavação), efetuando-se desenhos de planos intermédios, sempre que eram colocados a descoberto contextos diferentes do anterior. A escala destes desenhos variou entre 1:5 e 1:10, conforme os materiais estivessem ou não *in situ*, respetivamente (Arnaud e Duarte, 1994; Duarte, 1998a). Por fim, todo o material exumado foi limpo, identificado e inventariado, encontrando-se neste momento depositado no Museu Nacional de Arqueologia, em Lisboa.

2.3 Topografia

A entrada do Algar do Bom Santo, situada na vertente oriental da Serra de Montejunto (fig. 2.2), é a única identificada até ao momento. Encontrava-se obstruída, segundo os espeleólogos, de forma intencional por blocos de grande dimensão desde a última utilização da gruta como necrópole. Esta dedução resulta da integridade dos depósitos existentes no interior, bem como da identificação de possíveis pegadas humanas pré-históricas numa pequena área de sedimentação fina junto à entrada (Zilhão e Araújo, 1993). Por motivos de segurança do sítio arqueológico, atualmente a gruta encontra-se selada.

O seu interior desenvolve-se por cerca de 285 m² repartidos por vários compartimentos distribuídos por três níveis, dois deles utilizados como necrópole (fig. 2.3, 2.4; tab. 2.1) (Duarte, 1998b). As salas alvo de escavação arqueológica, designadas por A (ou da Concha) e B⁴ (7 Cabeças), encontram-se no nível superior a oeste da entrada, da qual distam cerca de 10 m com um desnível de 7 m (fig. 2.2, 2.3) (Arnaud e Duarte, 1994).

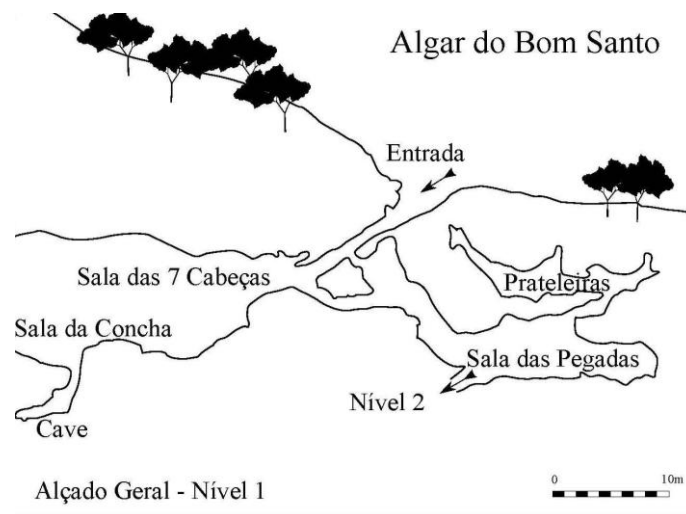


Figura 2.2 Localização das salas intervencionadas: Sala A (ou Sete Cabeças), Sala B (ou Concha) e Sala C (ou Pegadas) (Reportagem RTP, 1995⁵, adaptado).

⁴ A designação de cada sala foi efetuada de acordo com as características mais evidentes aquando da sua identificação, tendo-se ainda atribuído uma letra às que foram intervencionadas arqueologicamente (Arnaud e Duarte, 1994).

⁵ Necrópole neolítica do Algar do Bom Santo. Reportagem, Lisboa: RTP, TV2, 1995.

A Sala B, com uma área real de cerca de 16 m² e altura reduzida, localiza-se na extremidade oeste da gruta e foi a única escavada integralmente, o que corresponde a uma superfície de 11 m². A Sala A, situada a este da B e separada desta por um derrube, apresenta dimensões superiores, cerca de 36 m². Contudo ao contrário da anterior esta não foi totalmente intervencionada, tendo-se escavado apenas 15 m². Refira-se que o derrube mencionado anteriormente terá sido posterior à utilização da gruta como necrópole, já que foram identificados restos humanos sob o mesmo. Na Sala C de dimensões bastante maiores, com 41 m², a intervenção resumiu-se ao registo das eventuais pegadas humanas e à exumação de um crânio (Arnaud e Duarte, 1994; Duarte, 1998a, b). Em termos topográficos todas as salas apresentam diferenças acentuadas, sendo que aqui serão apenas descritas as que foram alvo de escavação arqueológica, nomeadamente a Sala A e a Sala B.

Tabela 2.1

Áreas ocupadas por deposições funerárias visíveis à superfície (Duarte, 1998b: Quadro 1)

Salas	Dimensão (m ²)
Sala A (Sete Cabeças)	36
Sala B (Concha)	16
Sala C (Pegadas)	41
Área das Prateleiras	18
Sala dos Ossos Queimados	25
Sala da Caçadora	26
Salas Gémeas	47
Sala das Pulseiras	42
Passagem	16
Sob os ossos queimados	12
Estreito	6
Área total	285

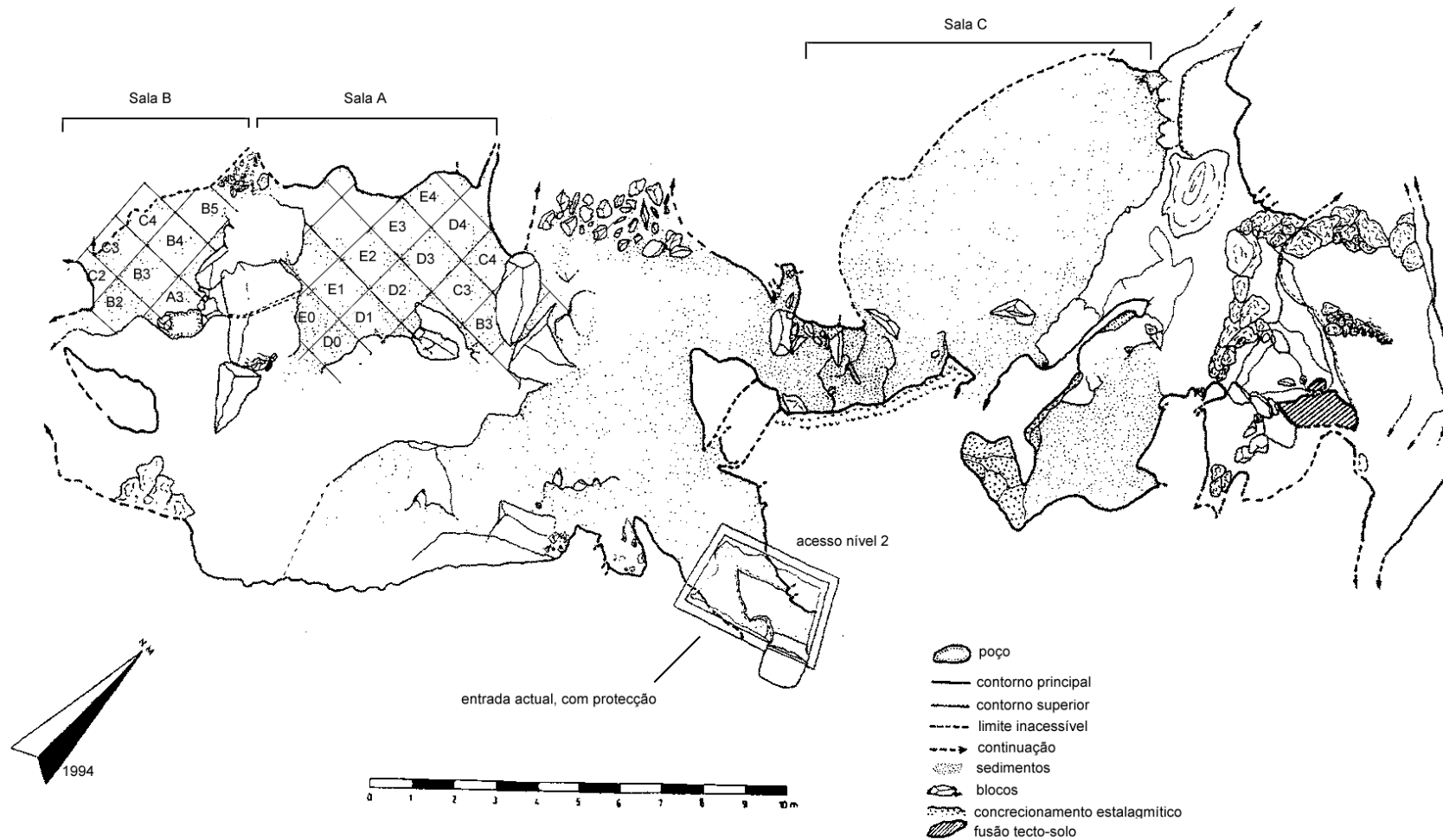


Figura 2.3 Nível superior do Algar do Bom Santo. NM, norte magnético (Duarte, 1998b: Fig. 2).

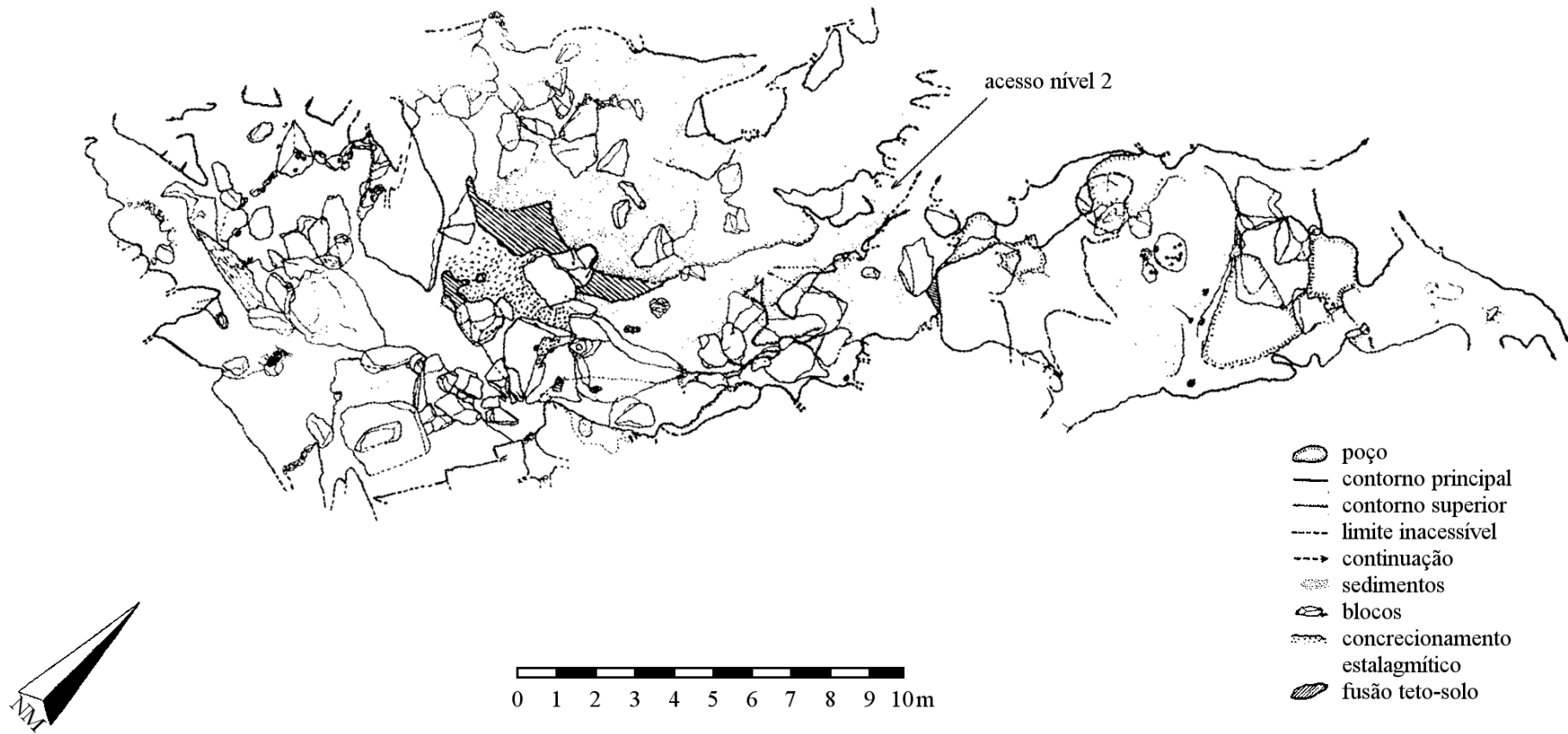


Figura 2.4 Nível inferior do Algar do Bom Santo. NM, norte magnético (Duarte, 1998b: Fig. 3).

No que respeita à Sala A, a sua metade norte encontrava-se sustentada por uma plataforma pétreia coberta por uma camada de sedimento argiloso, na superfície do qual estavam colocados os restos humanos esqueletizados (fig. 2.5). Sob esta plataforma encontravam-se vários materiais de escorrência provenientes da metade sul, dado o acentuado declive da sua superfície no sentido nordeste (Arnaud e Duarte, 1994).



Figura 2.5 Plataforma pétreia na metade norte da Sala A (Duarte, 1998a: Fig. 55, adaptada).

Ainda nesta sala, junto à parede norte (B4, B5), encontrava-se um depósito descontextualizado de ossos, pedras e de espólio votivo que aparentava resultar do derrube de uma eventual prateleira/nicho colocada a um nível superior (Arnaud e Duarte, 1994; Duarte, 1998a). No que respeita ao espólio votivo, constituído essencialmente por peças de adorno, foram identificadas 40 conchas perfuradas de *Trivia* sp., 6 contas discoides em xisto, 1 bracelete de *Glycymeris* sp. e elementos em pedra polida e pedra lascada (Arnaud e Duarte, 1994; Duarte, 1998a, b).

A sudoeste deste depósito (D3, D4), Arnaud e Duarte (1994) identificaram um ligeiro abatimento da superfície de forma circular com elementos pétreos, ossos humanos e não humanos dispostos em todo o seu perímetro (fig. 2.6). Após a escavação, estes autores concluíram que esta estrutura, embora tivesse um carácter eminentemente funerário, terá sido reaproveitada por um pequeno carnívoro que aí se acomodou e alimentou, deixando como testemunho os seus restos alimentares e a alteração do contexto funerário (Arnaud e Duarte, 1994).



Figura 2. 6 Depressão limitada por elementos pétreos e esqueléticos, Sala A: D3-D4 (Arnaud e Duarte, 1994: Fig. 38).

Na Sala B as perturbações pós-deposicionais aparentam ter sido menos intensas, à exceção da porção sul, onde foi registada uma acumulação sedimentar relevante provocada pelos dois cones de dejeção aí localizados. A entrada far-se-ia possivelmente pelo limite este da sala (A4, fig. 2.3), dada a quantidade reduzida de material arqueológico aí presente (Duarte, 1998a; Carvalho et al., 2012). Da escavação da sala resultou a identificação de dois níveis funerários: um mais recente, e mais superficial, que abrange toda a sala e um outro anterior, e mais profundo, na porção noroeste. Neste último foram ainda identificados elementos pétreos colocados na vertical de modo a sustentar os depósitos superiores, formando como que *terraços*⁹ (fig. 2.7). Esta disposição aparenta ser de natureza antrópica, tendo como fim a obtenção de uma superfície horizontal para a deposição das inumações, compensando o desnível da superfície nesse local (Arnaud e Duarte, 1994; Duarte, 1998a, b).



Figura 2.7 Alinhamento de elementos pétreos do segundo nível funerário da Sala B (vista noroeste) (Duarte, 1998a: Fig. 6).

2.4 A necrópole

A cronologia da necrópole do Algar do Bom Santo, obtida a partir de ossos humanos, indicou o intervalo de tempo compreendido entre 3800 e 3400 cal BC, o que indica uma utilização relativamente curta e bem delimitada (tab. 2.2), coerente com a homogeneidade do espólio e estratigrafia das áreas escavadas (Carvalho et al., 2012).

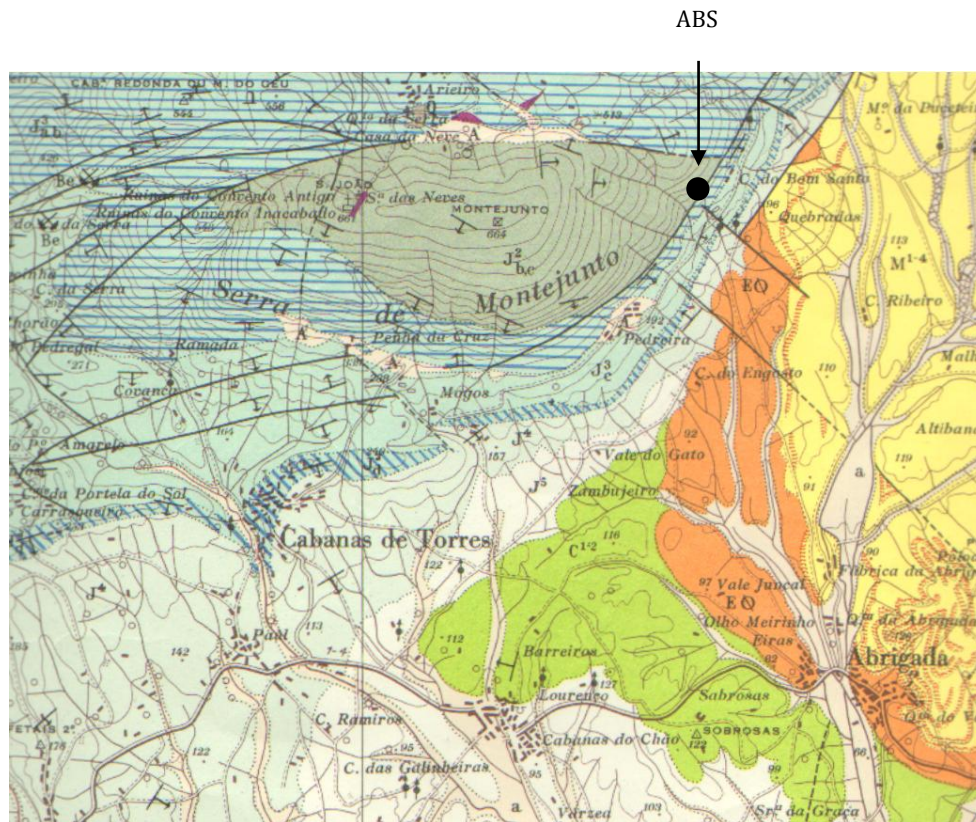


Figura 2.8 Algar do Bom Santo (ABS), geologia local. Carta geológica nº 5. Azul, calcários (escala 1:50.000).

Trata-se duma gruta-necrópole coletiva de superfície, em que a maioria dos restos humanos exumados não estava em conexão anatómica (Arnaud e Duarte, 1994). Parte destas deposições aparenta ser de natureza secundária (mobilização intencional do esqueleto após esqueletização do cadáver), enquanto outras poderão corresponder a deposições primárias perturbadas pela força de gravidade e/ou pela circulação de animais no interior da gruta.

Embora partilhem um espaço comum, as deposições aparentam ter sido efetuadas em locais específicos ao longo do tempo, originando concentrações de ossos, na maioria com mais de um indivíduo. Foram colocadas diretamente sobre a superfície (sedimento solto ou substrato geológico) e, de acordo com o registo de campo, sem qualquer colmatação subsequente. Segundo Arnaud e Duarte (1994), toda a sedimentação que tenha ocorrido não terá origem antrópica. De acordo com estes autores, os conjuntos de ossos encontravam-se

individualizados através da colocação de elementos pétreos em círculo, terraços, prateleiras (quando num nível superior) ou formando nichos, havendo assim alguma estruturação espacial (ver seção 2.2). Contudo, dado tratar-se de um ambiente de gruta sujeito a vários tipos de derrubes e de, pelo menos, dois cones de dejeção, estes padrões poderão não ser tão óbvios. Existia ainda material arqueológico votivo sob a forma de adornos pessoais (conchas de *Trivia* sp. e de *Pecten*, sp. perfuradas, contas discoides em xisto, braceletes em concha de *Glycymeris* sp.), furadores em osso, objetos em osso trabalhado, pedra polida (machados e enxós), pedra lascada (lâminas e trapézios), alguns recipientes de cerâmica lisa (com exceção de um fragmento de cerâmica com decoração incisa) e aparentemente alguns pigmentos de cor vermelha sobre alguns ossos (fig. 3.1, III) (Carvalho et al., 2012). Porém, nem sempre foi possível determinar a que indivíduo(s) o espólio estaria associado devido aos processos pós-deposicionais a que ambos estiveram sujeitos (Duarte, 1998a).

Nas salas escavadas (A e B) não foi possível identificar, na maior parte dos casos, as posições em que os mortos foram colocados. Em grande medida por ser uma necrópole de superfície, em que a decomposição ocorre em espaço vazio, ou seja, sem qualquer delimitação física pelo menos numa das fases iniciais do processo de esqueletização. Nestes casos, à medida que os tecidos moles se vão decompondo, os ossos movimentam-se livremente no sentido do equilíbrio entre a posição em que foram inumados e a força da gravidade. Quando esse equilíbrio implica movimentos de grande amplitude, a identificação da posição primária é dificultada. De igual modo, a existência de uma deposição no mesmo local quer ela seja primária ou secundária, a colmatação posterior à decomposição (e.g., provocada pelos cones de dejeção) ou a ação de animais, entre outros fatores tafonómicos, são circunstâncias que também dificultam o reconhecimento dos locais e posições originais das deposições. Com efeito, todo este processo pode ser mais ou menos complexo de acordo com os elementos que o compõem, onde estão incluídas as perturbações pós-deposicionais (ver Rocksandic, 2002). Poderá ser esse o caso de parte das conexões anatómicas referidas por Arnaud e Duarte (1994) e Duarte (1998a) em que os ossos embora não estejam em posição anatómica podem pertencer a um mesmo indivíduo. Aqui, tais conexões serão designadas por “conexões anatómicas de segunda ordem”, seguindo a terminologia de Duguay e Guillon (2006), a qual divide as conexões anatómicas de acordo com a posição *in situ* dos ossos de um mesmo indivíduo. Segundo estes autores, sempre que os ossos estejam em posição anatómica *in situ*, tratar-se-á de uma “conexão anatómica de primeira ordem”; caso a posição anatómica seja identificada após exumação do material esquelético, o conjunto esquelético será então

designado por “conexão anatómica de segunda ordem”. De referir que esta identificação pós-exumação é efetuada através da compatibilidade anatómica de acordo com: a fase de maturação, a contiguidade anatómica (entre fragmentos de um mesmo osso, ou entre superfícies articulares de ossos distintos), a presença de patologias/alterações tafonómicas e a identificação de antímeros (Duday e Guillon, 2006).

- Deposições primárias: conexões anatómicas

Na Sala A, Arnaud e Duarte (1994) identificaram duas conexões anatómicas, uma na porção nordeste da sala (quadrado C4, fig. 2.9) e uma outra no centro desta mesma sala (quadrado D2, fig. 2.10). A primeira consiste numa tíbia e fíbula direitas maduras, junto a um úmero e rádio esquerdos maduros. Aqui serão consideradas como uma possível conexão anatómica de segunda ordem, já que não estavam em posição anatómica embora evidenciem alguma compatibilidade anatómica. Entre outros ossos humanos foram ainda exumadas uma lâmina e uma espátula em osso (Arnaud e Duarte, 1994; Duarte 1998a).

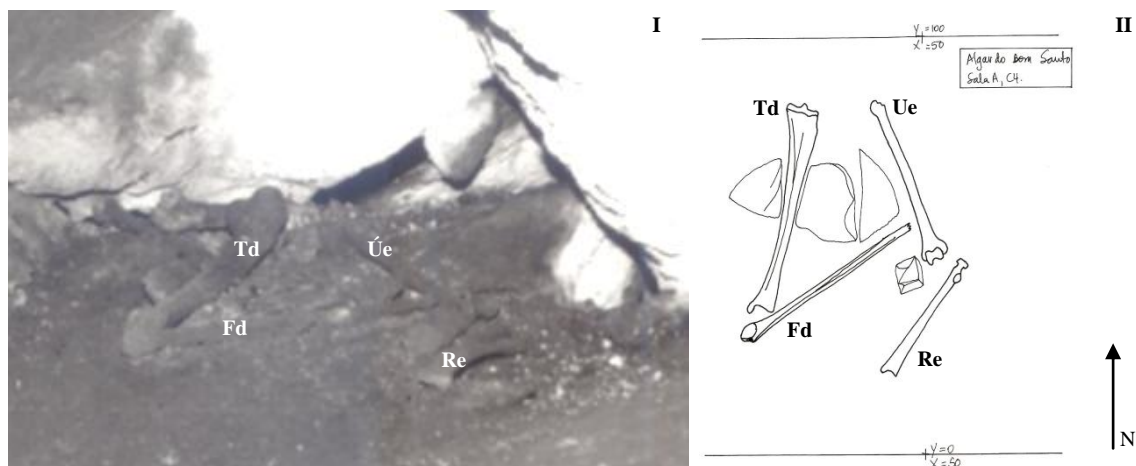


Figura 2.9 Conexão anatómica de segunda ordem da Sala A, quadrado C4. Te, tíbia direita; Ue, úmero esquerdo; Fd, fíbula direita; Re, rádio esquerdo; I, Arnaud e Duarte (1994: Fig. 36, 37); II, Mapa nº1 (escala 1:5).

A segunda conexão anatómica da Sala A estava localizada em D2 (fig. 2.10), no limite sul da plataforma. Era constituída por um coxal direito, dois fémures (um esquerdo e um direito) e dois fragmentos de tíbia direita (Duarte, 1998a), todos maduros. Embora apresentem compatibilidade anatómica, só os fémures é que poderiam estar em posição anatómica. Encontravam-se dispostos paralelamente, com as extremidades proximais a norte e as distais a sul, com vários ossos humanos dispersos nas áreas adjacentes, onde também foi identificado um recipiente cerâmico virado sobre uma laje de calcário (fig. 2.10). A noroeste encontrava-

se um machado e uma enxó, aparentemente de cariz igualmente votivo, que poderiam estar associados a outras deposições das proximidades (Duarte, 1998a).

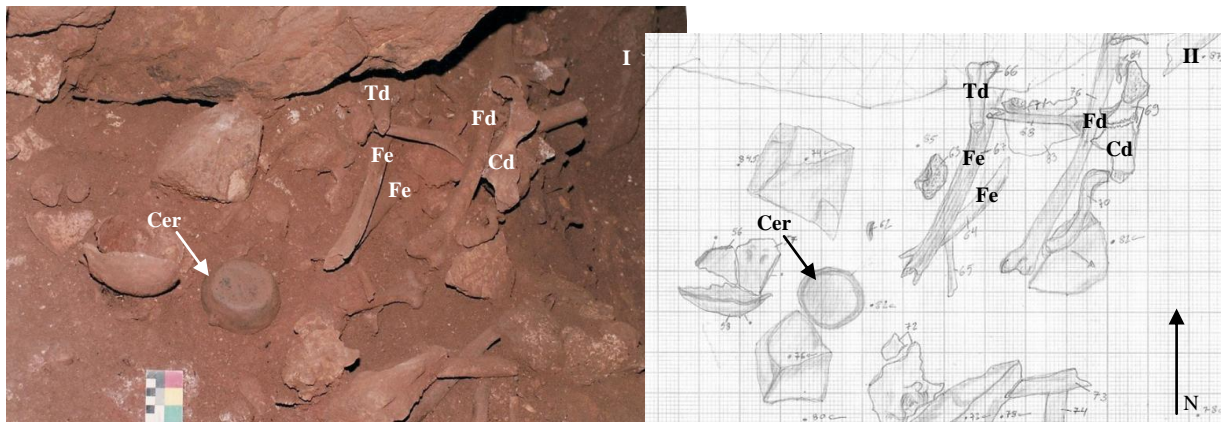


Figura 2.10 Conexão anatómica da Sala A, quadrado D2. Fe, fémur esquerdo; Fd, fémur direito; Td, tíbia direita; Cd, coxal direito; Cer, recipiente cerâmico, I, Duarte (1994a: Fig. 56 adaptada); II, Mapa nº 4 (escala 1:5).

Na Sala B foram identificadas cinco conexões anatómicas distribuídas por toda a sala, algumas com alguma proximidade entre si. Na porção sul da sala (B3) foi identificada a que ficou designada como indivíduo 1 (fig. 2.11, 2.17) associado a uma concha de *Pecten* sp. perfurada. Arnaud e Duarte (1994) colocam a hipótese do indivíduo ter sido colocado sentado e de, no decurso do processo de esqueletização com a força da gravidade, os ossos terem tombado. Embora este esqueleto também não estivesse em posição anatómica, a completitude, proximidade e compatibilidade anatómica dos ossos poderão indiciar a existência de uma deposição primária perturbada pela força de gravidade, animais que tenham circulado na gruta e/ou por derrubes.



Figura 2.11 Indivíduo 1 da Sala B, quadrado B3. I, Arnaud e Duarte (1994: Fig. 52); II, Mapa nº 1 (escala 1:5); P, *Pecten* sp..

Sob o indivíduo 1 (B3-C3, fig. 2.12, 2.17) encontrava-se este conjunto de ossos maduros, com uma orientação sul-norte (sentido cefálico-caudal), os quais correspondem à porção direita de

uma caixa torácica em decúbito ventral, com o membro superior direito em extensão. Aqui, o indivíduo terá sido inumado em decúbito lateral direito, tendo descaído para a frente, aquando da decomposição dos tecidos moles. O lado esquerdo da caixa torácica estaria no lado oposto ao úmero direito, e os membros inferiores desenvolver-se-iam para norte, com uma orientação sul-norte (sentido cranial-caudal).

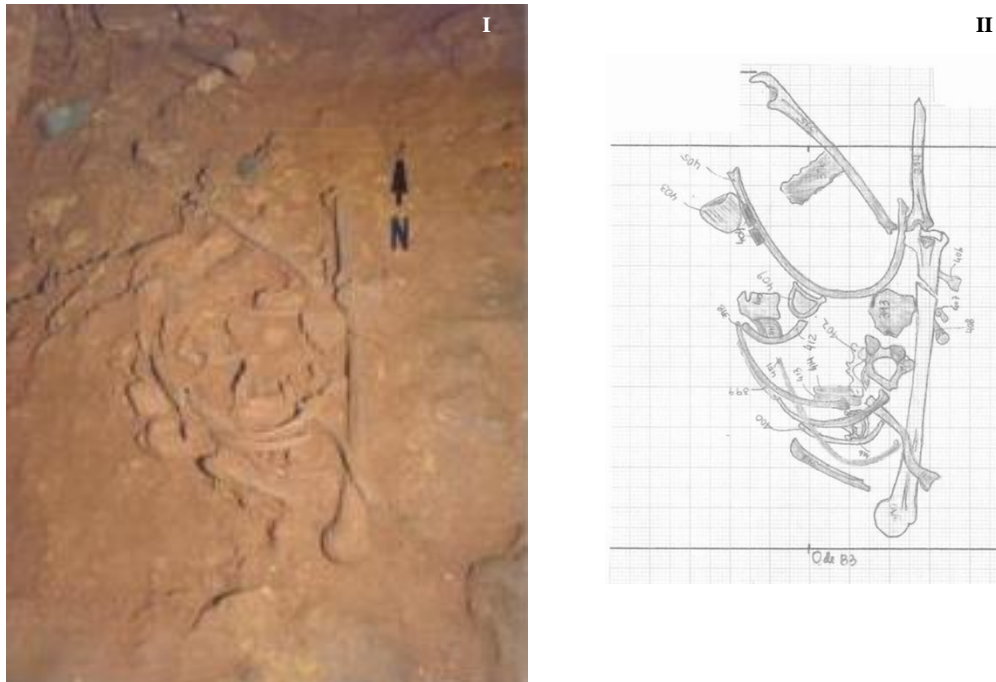


Figura 2.12 Conexão anatómica da Sala B, quadrados B3-C3. I, Duarte (1998b: Fig. 67); II, Mapa nº 13 (escala 1:5).

Ainda na porção sul da Sala B (C2), a oeste dos dois indivíduos anteriores, foi identificado o designado indivíduo 2 (fig. 2.13, 2.17), devido à sua completitude (Arnaud e Duarte, 1994). Apresentava os seus membros inferiores em conexão anatómica primária, sendo que os restantes ossos do esqueleto, todos maturos, foram considerados como fazendo parte do mesmo em virtude da proximidade e contiguidade anatómicas. Foi depositado com os membros inferiores em hiperflexão, com a cintura pélvica e os pés a sudoeste e os joelhos a nordeste, possivelmente associado a uma enxó (fig. 2.13, E).

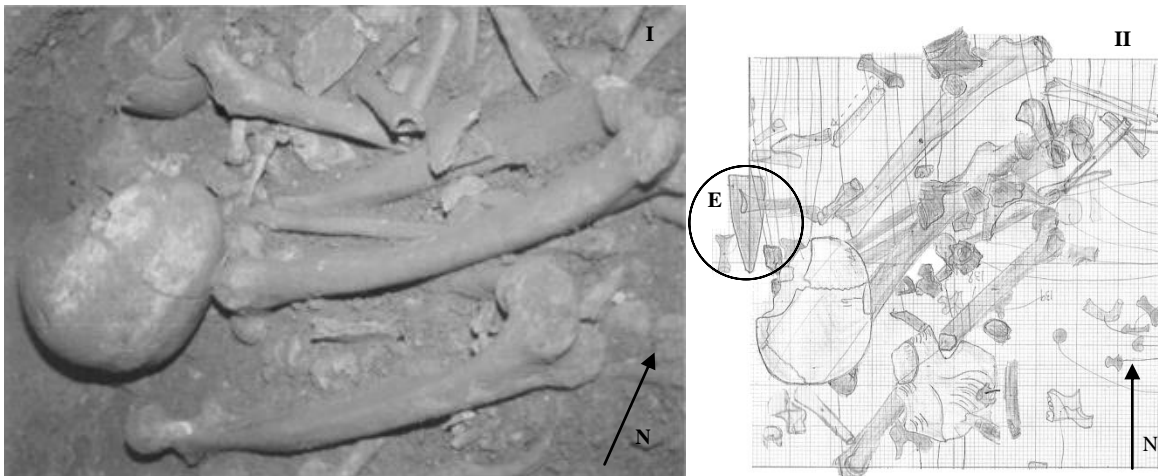


Figura 2.13 Indivíduo 2 da Sala B, o crânio faz parte de uma deposição secundária, quadrado C2. I, Arnaud e Duarte (1994: Fig. 56 adaptada); II, Mapas nº 2, 3 e 4; E, enxó (escala 1:5).

A este do indivíduo 2, em C2 e a um nível inferior, Arnaud e Duarte (1994) identificaram um indivíduo imaturo representado por uma escápula e úmero do lado direito dum indivíduo imaturo (fig. 2.14, 2.17). Apesar de bastante incompleto, aparenta estar com a mesma direção do indivíduo 2, sudoeste-nordeste (sentido cranial-caudal). Toda a sedimentação é devida aos dois cones de dejeção situados sobre estas, e as deposições associadas ao indivíduo 1.



Figura 2.14 Linha contínua, conexão anatómica; linha tracejada, indivíduo 2 da Sala B, quadrado C2 (Arnaud e Duarte, 1994: Fig. 58 adaptada).

Ainda na Sala B, na porção mais a norte da sala (B4, fig. 2.16, 2.18), Duarte (1998a) identificou um conjunto de ossos maduros, que no decurso da sua escavação veio a revelar a presença de conexões anatómicas de primeira ordem, mais especificamente de um braço esquerdo com a respetiva cintura escapular e algumas costelas. A posição dos dois crânios e dos ossos longos dos membros inferiores paralelos entre si, sugerem a existência de dois indivíduos depositados muito próximo um do outro (Arnaud e Duarte, 1994). Estariam com os membros inferiores em posição hiperfletida, orientados sudeste-noroeste, com uma lâmina (fig. 2.15, II, III) na mão esquerda do indivíduo localizado a norte.

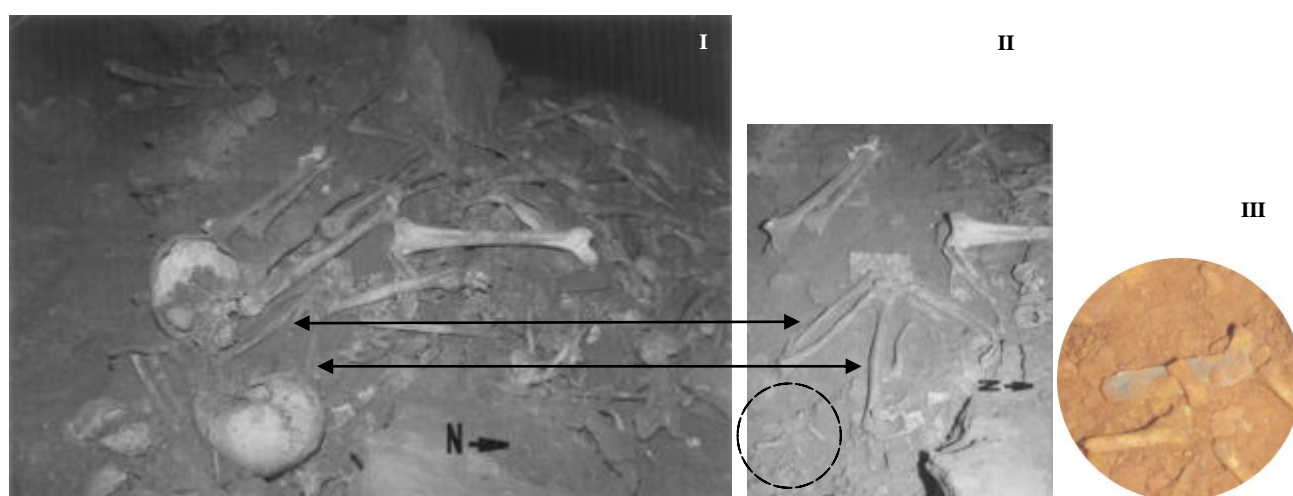


Figura 2.15 Conexões anatómicas da Sala B, quadrado B4. I, 1º plano arqueológico (Duarte, 1998a: Fig. 71 adaptada); II, 2º plano arqueológico (Duarte, 1998a: Fig. 72 adaptada); III, lâmina.

Destes sete casos, nem sempre é óbvio o carácter primário (perturbado ou não) ou secundário das deposições. Não obstante todas elas apresentam nas áreas adjacentes, ossos pertencentes a articulações lábeis, como falanges das mãos ou dos pés, indicadores da presença de deposições primárias (Duday, 2006; Roksandic, 2002). Também ao efetuar uma distribuição espacial do material esquelético da Sala B (a que foi escavada integralmente), é patente que os ossos das articulações lábeis e persistentes, maduros e imaturos, apresentam uma distribuição semelhante apesar do reduzido número de ossos em posição anatómica. Uma hipótese seria as deposições intencionalmente secundárias terem sido colocadas num local próximo ao da deposição primária. Contudo, verifica-se uma desproporcionalidade entre as diferentes peças ósseas que poderá indiciar a existência de mobilizações (Granja et al., 2014). É sim possível constatar a ausência de segregação etária e a preferência por determinados locais de inumação em ambas as salas, com alguma variação ao nível da posição do corpo e dos respetivos espólios votivos.

- *Deposições secundárias*

No caso das deposições secundárias, Arnaud e Duarte (1994) referem frequentemente a existência de conjuntos de crânios individualizados na Sala A e na B, especialmente junto às paredes. No entanto, a informação disponibilizada pelos relatórios de campo e outros dados gráficos permite inferir que estes conjuntos, para além de crânios, incluem ossos do esqueleto infracraniano (e.g. fig. 2.16). Ou seja, poderá existir uma determinada organização, não tanto por tipo de osso mas de acordo com uma determinada afinidade entre os indivíduos, cuja leitura não é imediata. Por exemplo, das análises efetuadas aos 15 indivíduos, os dois únicos (#07 e #14)⁶ que partilham o mesmo haplotipo (Fernández e Arroyo-Pardo, 2014), apresentam valores isotópicos semelhantes (onde se destaca a quantidade de proteína aquática), cronologias próximas (das mais antigas) (Petchey, 2014) e encontravam-se ambos na Sala B em duas zonas contíguas: o indivíduo #07 em C3 (no quadrante SE) e o #14 em B3 (no quadrante NO), locais estes adjacentes ao quadrante SO do quadrado C4, onde, segundo Duarte (1998a), estariam as primeiras deposições funerárias da sala. Estes elementos em conjunto permitem assim colocar a hipótese da afinidade biológica ser um fator relevante aquando do local de inumação dos indivíduos, especialmente se ambas as mortes não tiverem sido simultâneas, o que de momento não é possível confirmar.



Figura 2.16 Deposição secundária da Sala A, quadrados D1-E1 (Arnaud e Duarte, 1994: Fig. 47).

- *Sala A vs Sala B*

Em ambas as salas os restos humanos encontravam-se organizados em conjuntos, geralmente com mais de um indivíduo, independentemente de serem depósitos primários ou secundários.

⁶ Representados pelas mandíbulas, são adultos (3º molar erupcionado) sendo que o #07 é masculino e o #14 de sexo indeterminado, mas com um aspeto geral a tender para o feminino (-1-0), de acordo com a metodologia de Ferembach et al., 1980.

Estes conjuntos, caracterizados por Arnaud e Duarte (1994) como *sedimentações antrópicas*, encontravam-se por vezes delimitados por pedras de maior ou menor dimensão, denotando-se alguma preferência pelos locais mais recônditos ou mais próximos das paredes (e.g. indivíduo 1 na Sala B e a deposição na Sala A a sul, em E1, D1).

No que respeita à topografia, a Sala A, para além de ser maior e mais alta que a Sala B, revelou uma superfície mais acidentada, onde os depósitos funerários estiveram sujeitos a processos pós-deposicionais mais intensos em termos de mobilidade. Em termos funerários, também é evidente que a Sala B foi utilizada mais intensivamente que a A, o que em parte pode dever-se a uma questão de gestão do espaço disponível, já que o único acesso à Sala B seria através da passagem pela Sala A. Quanto à posição espacial do material esquelético verificou-se que na B, ao contrário da Sala A, existem ossos em conexão anatómica fechada⁷. Se por um lado esta diferença pode ser atribuída aos diferentes processos pós-deposicionais ocorridos em ambas as salas, também é possível que a Sala A estivesse representada essencialmente por deposições intencionalmente secundárias. Porém, nesta sala não deixam de estar presentes ossos provenientes de articulações lábeis, características de deposições primárias (Duday e Guillon, 2006; Roksandic, 2002.) ainda que com proporções diferentes das da Sala B. Quanto às posições de inumação, das conexões que estavam em posição anatómica verificou-se alguma preferência pela colocação do corpo sobre o lado direito (e.g. indivíduo 2, Sala B, C2; deposição sob o indivíduo 1) e pela posição mais ou menos fletida dos membros (e.g. indivíduo 2, Sala B, C2; indivíduos da Sala B, em B4). Em termos de gestão do espaço de acordo com o perfil biológico, não foi identificada qualquer segregação etária ou sexual. Contudo, como foi mencionado no ponto anterior (deposições secundárias), parecem existir algumas relações entre a ancestralidade e o local de inumação e entre esta e os hábitos alimentares, porém dada a casualidade, é uma tendência que necessita de verificação. Relativamente ao espólio, ainda que nem sempre seja possível atribuir cada peça a um contexto específico, existem diferenças dentro de cada sala e entre cada conjunto esquelético. Ou seja, apesar da homogeneidade cultural, existe uma grande variabilidade no espólio, conforme pode verificar-se pela quase total ausência de repetições.

Tal variabilidade permite questionar a gestão do espaço disponível não só ao nível estrutural/físico como das afinidades biológicas/sociais entre os indivíduos, e suas relações com a gruta-necrópole e espaço envolvente.

⁷ Quando as superfícies articulares de dois ossos distintos estão em contacto

Tabela 2.2

Datações por radiocarbono do Algar do Bom Santo (Carvalho et al., 2012: Fig. 11, adaptado)

Indivíduo	Sexo	Idade	Localização Sala (Quadrado)	¹⁴ C – Código Lab ¹	Amostra	CRA (BP)	Cal (BC)
#01	I	A	B (B2,B3,C2)	Wk – 27991	Pré-molar	4671 ± 30	3520–3370 (1 σ) 3625–3365 (2 σ)
				OxA – 5511	Fémur	4705 ± 65	3630–3375 (1 σ) 3635–3365 (2 σ)
#02	M	A	B (B3)	Wk – 27983	Metatársico	—	—
				OxA – 5512	Fémur	4630 ± 60	3520–3350 (1 σ) 3635–3110 (2 σ)
#03	F?	A	B (C3)	Wk – 27984	Pré-molar	4949 ± 32	3770–3665 (1 σ) 3790–3655 (2 σ)
#04	M	A	B (B4)	Wk – 27985	Molar	4887 ± 30	3695–3645 (1 σ) 3715–3635 (2 σ)
#05	M	A	B (B5)	Wk – 27986	Molar	4929 ± 30	3715–3655 (1 σ) 3775–3650 (2 σ)
#06	I	A	B (B5)	Wk – 27987	Incisivo	4744 ± 30	3635–3515 (1 σ) 3640–3380 (2 σ)
#07	M	A	B (C3)	Wk – 27988	Pré-molar	4960 ± 31	3775–3700 (1 σ) 3800–3655 (2 σ)
#08	I	J	B (B4)	Wk – 27989	Molar	4732 ± 31	3635–3380 (1 σ) 3635–3375 (2 σ)
#09	I	J	B (C2)	Wk – 27990	Pré-molar	4769 ± 30	3635–3525 (1 σ) 3645–3380 (2 σ)
#10	M	A	B (B2)	Wk – 27992	Incisivo	4810 ± 35	3645–3530 (1 σ) 3660–3520 (2 σ)
#11	I	A	A (D4)	Wk – 27993	Mandíbula	4745 ± 30	3635–3515 (1 σ) 3640–3380 (2 σ)
#12	F?	A	B (B5)	Wk – 27994	Pré-molar	4756 ± 30	3635–3520 (1 σ) 3640–3380 (2 σ)
#13	F	A	A (B4)	Wk – 27995	Incisivo	4739 ± 35	3635–3385 (1 σ) 3640–3375 (2 σ)
#14	I (F?)	A	B (B3)	Wk – 27996	Molar	4993 ± 30	3795–3710 (1 σ) 3940–3695 (2 σ)
“Caçadora”	M?	A	Superfície	Wk – 25161	Costela	4960 ± 30	3775–3700 (1 σ) 3795–3655 (2 σ)

¹ AMS, exceto ICEN-1181.

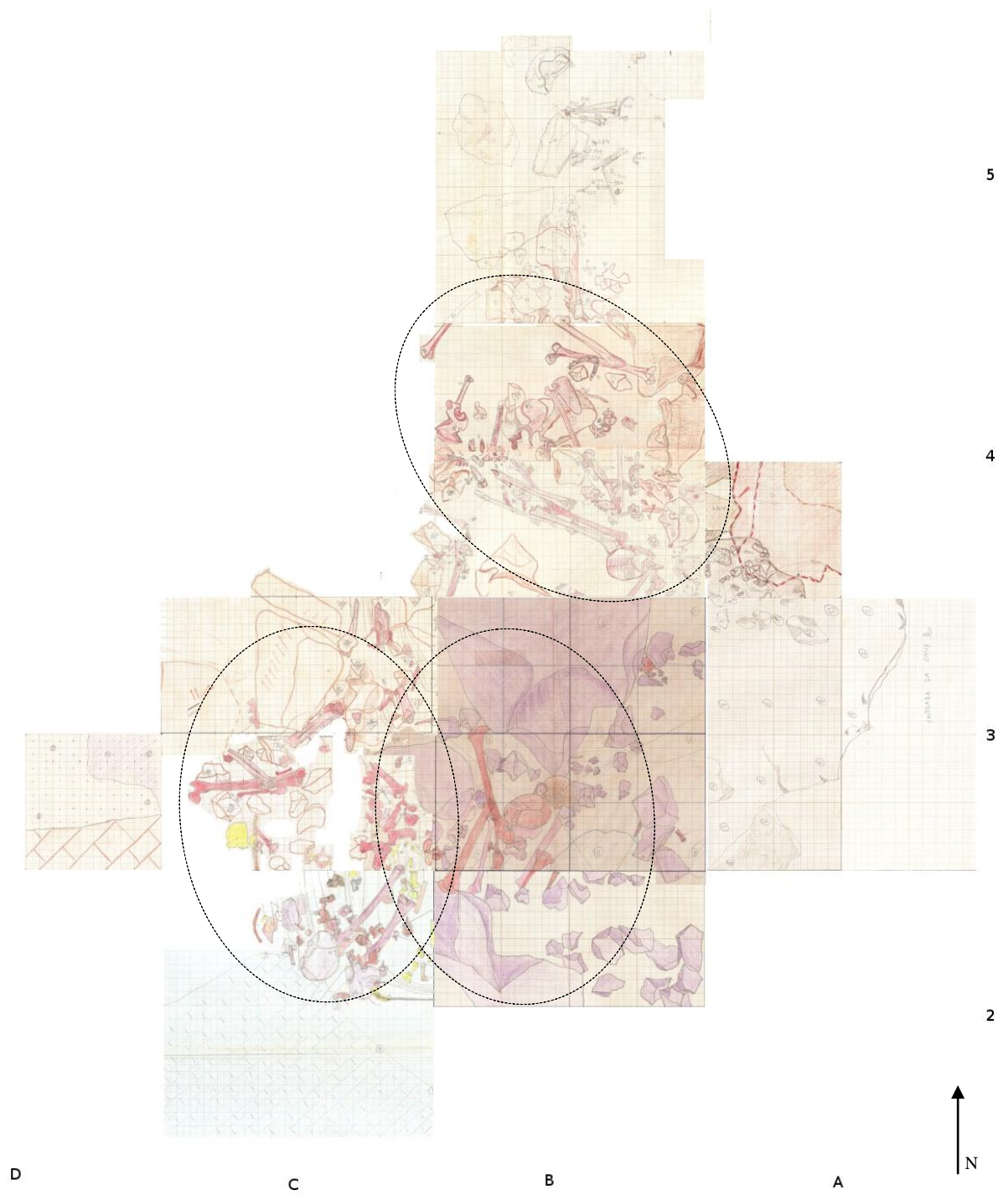


Figura 2.17 Localização das conexões anatómicas referidas por Arnaud e Duarte (1994) e Duarte (1998a) na Sala B. A-D e 2-5, quadrados; NM, norte magnético.

2.5 Paralelos

O facto de os dados antropológicos do Algar do Bom Santo serem provenientes de uma fração, e não da totalidade dos restos humanos aí inumados, impõe desde logo alguma parcimónia na generalização dos resultados a toda a gruta. Todavia, a informação por ora obtida já é suficientemente consistente para ser utilizada como termo de comparação com sítios de horizontes culturais e geográficos semelhantes.

Com esta abordagem pretendeu-se seleccionar populações culturalmente semelhantes e influenciadas pelos mesmos biótopos, visando a obtenção de um conjunto sepulcral o mais homogéneo possível e comparável. Nesse sentido, seleccionaram-se as grutas da Estremadura, utilizadas como sepultura coletiva durante as fases médias/tardias do Neolítico (tab.2.3).

De todos, será o Lugar do Canto, o Algar do Barrão e a Gruta dos Ossos que apresentam contextos mais próximos geograficamente, menos perturbados e melhor representados em termos de vestígios osteológicos humanos exumados e estudados (Fig. 2.18). Por este motivo, será feita uma descrição mais pormenorizada dos mesmos.

O Lugar do Canto é uma gruta identificada em 1975 na região de Alcanede e escavada nesse mesmo ano (Leitão et al., 1987, Cardoso e Carvalho, 2008). Veio-se a revelar como um sítio de extrema importância para o Neolítico Médio português, em grande medida por estar intacta aquando da sua descoberta, mas também pela preservação dos contextos arqueológicos, pela quantidade e diversidade de material, a par de uma rigorosa metodologia de escavação (Cardoso e Carvalho, 2008). Do espólio exumado faz parte pedra lascada sob a forma de núcleos, lâminas, lamelas, micrólitos geométricos, microburis; elementos de pedra polida, como machados, enxós e goivas; artefactos de pedra afeiçãoada; utensilagem óssea, representada por furadores; e elementos de adorno divididos em contas de xisto e de *Dentalium* sp. e braceletes de *Glycymeris glycymeris*, e num dente de veado não trabalhado (Cardoso e Carvalho, 2008).

Ao nível funerário, esta gruta foi utilizada como sepultura coletiva com as deposições, primárias e secundárias, a serem colocadas à superfície (Leitão et al., 1987). Segundo os

autores citados, um dos indivíduos, o mais completo, encontrava-se depositado sobre o seu lado esquerdo, numa posição encolhida e com espólio associado. Esta associação a espólio, de acordo com Leitão et al. (1987), seria bastante frequente já que tal ocorreu em 28 dos 40⁸ indivíduos identificados em campo. Foi ainda observada a presença de ocre em alguns dos indivíduos, bem como algumas marcas de corte (Leitão et al., 1987). Os resultados do estudo antropológico efetuado por Silva et al. (2011), que não inclui todo o material, demonstraram a existência de 36 indivíduos, 34 adultos e 2 não adultos. Silva et al. (2011) refere ainda a presença de patologias cranianas (fraturas por depressão, infeções e perfurações), a par de algumas trepanações e patologias pós-cranianas (fusão óssea entre um rádio e cúbito direitos e entre vértebras).

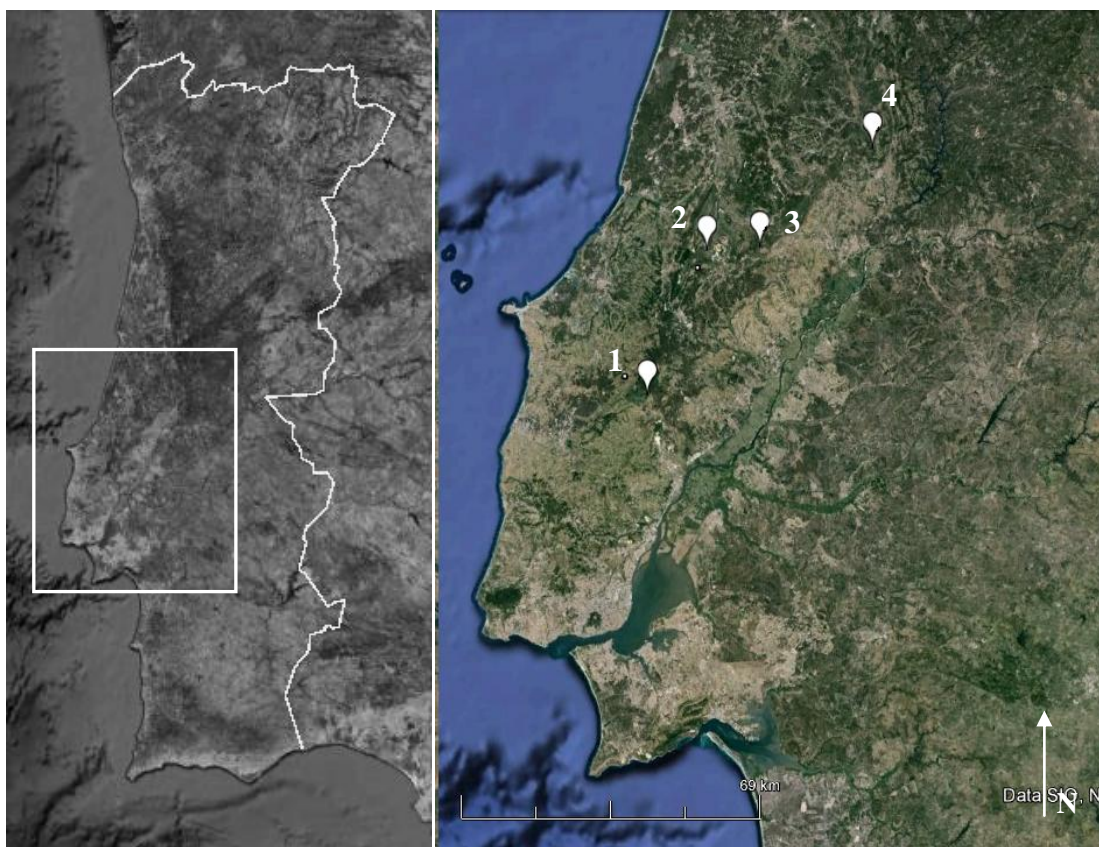


Figura 2.18 Grutas-necrópole com contextos arqueológicos paralelos ao Algar do Bom Santo⁹. 1, Algar do Bom Santo; 2, Lugar do Canto; 3, Algar do Barrão; 4, Gruta dos Ossos.

O Algar do Barrão é um sítio localizado no concelho de Alcanena, identificado aquando dos trabalhos de prospeção para elaboração da carta arqueológica da Serra d’Aire e Candeeiros (Carvalho et al., 2003). Apesar de, em 1993, não ter sido escavada na

⁸ Considerando as 3 referências a outro tipo de deposições - referidas por Leitão et al. (1987) como “#A”

⁹ <http://earth.google.com/intl/pt-PT/>; consultado em 02/05/2014

totalidade, os contextos funerários e as cronologias obtidas até ao momento (tab. 2.3) são próximas das do Algar do Bom Santo (Carvalho et al., 2003). Segundo estes autores, a entrada, virada a nascente, dá acesso ao espaço que ficou designado como Sala da Entrada, a qual depois de um corredor à esquerda dá acesso à Sala do Fundo. Refira-se ainda que a gruta apresentava algumas perturbações pós-deposicionais, possivelmente devido à entrada de animais e pessoas. A escavação arqueológica aí efetuada em 1993 consistiu na recolha de superfície do material disperso e na abertura de três sondagens: sondagem 1, nicho da Sala da Entrada; sondagens 2 e 3 (diáclase), na Sala do Fundo (Carvalho et al., 2003). No decurso da escavação do nicho da Sala da Entrada identificaram-se ossos humanos separados por uma laje de calcário, sendo que num dos lados encontravam-se fragmentos ósseos, cranianos e pós-cranianos, e uma lasca de sílex e, no outro lado, dois crânios associados a um recipiente cerâmico com a abertura virada para baixo (Carvalho et al., 2003). Na Sala do Fundo (sondagem 2) foi identificado um nível de sedimentação antrópica onde estavam depositados ossos humanos perturbados, enquanto na diáclase (sondagem 3) registou-se um conjunto de ossos humanos significativo correspondendo a uma deposição secundária associada a três peças em pedra polida, de referir que em nenhuma das sondagens foram identificadas conexões anatómicas (Carvalho et al., 2003). Relativamente ao espólio neolítico, para além do recipiente cerâmico, foram identificadas peças em pedra lascada (uma lâmina e uma lasca) e polida (um machado, três enxós e duas peças de tipologia indeterminada), artefactos em osso tais como furadores e elementos de adorno como braceletes de *Glycymeris* sp. (Carvalho et al., 2003).

No que respeita ao estudo antropológico, na sondagem 1 foram identificados 2 indivíduos maduros que ao nível patológico apresentavam algum desgaste dentário; na sondagem 2 obteve-se um total de 9 maduros e 3 imaturos, distribuídos por várias classes etárias, com presença de patologias infecciosa, degenerativa articular e oral, esta última sob a forma de desgaste dentário e, menos frequentemente, cáries e depósitos de tártaro; na sondagem 3 identificaram-se 2 adultos com patologia degenerativa articular; na recolha de superfície contabilizaram-se 3 maduros e um imaturo e em termos patológicos os dentes apresentavam unicamente desgaste dentário (Carvalho et al., 2003).

A Gruta dos Ossos, localizada na Alta Estremadura, na margem norte do rio Nabão, é uma cavidade cárstica escavada entre os anos de 1984-89, onde foram identificados dois ambientes de deposição funerária: uma coletiva na zona central e uma individual ao fundo da sala, em contextos estratigráficos distintos, contudo todos das fases finais do Neolítico-Calcolítico (Cruz et al., 2013). Segundo os autores, a deposição coletiva, composta por deposições secundárias, apresentava alguma sedimentação e a seguinte organização: os crânios (camada 1) sobre ossos longos dos braços, que por sua vez estavam sobre ossos longos das pernas, sendo a base constituída por pedras de várias dimensões (camada 2). Sob esta deposição (a designada camada 3) foi identificado um sacro, vários coxais, alguns fragmentos de cerâmica e esquirolas de sílex (Cruz et al., 2013). O último depósito (camada 4) desenvolve-se até ao fundo da sala, onde estão localizados ossos em conexão anatómica, os quais correspondem às datações mais recentes, já do período seguinte, do Calcolítico (Tomé e Silva, 2011; Cruz et al., 2013). Relativamente às perturbações pós-deposicionais, segundo as descrições efetuadas por Cruz et al. (2013) e os resultados obtidos por Tomé (2011) aos vestígios esqueléticos humanos, o nível de preservação (em termos de fragmentação) é superior às grutas analisadas no estudo deste último autor (parte delas próximas do Algar do Bom Santo¹⁰).

Relativamente ao estudo antropológico, foi contabilizado um total de 31 indivíduos repartidos por 20 maturos e 11 imaturos, identificando 3 coxais masculinos e 2 femininos (Tomé, 2011). Ao nível da patologia oral observaram-se algumas cáries, presença de depósitos de tártaro e um desgaste dentário não acentuado, tendo-se ainda registado a presença de patologia degenerativa articular e traumática essencialmente ao nível do crânio (de natureza contundente com remodelação óssea) (Tomé, 2011).

Destas três grutas, será a do Lugar do Canto a que apresenta os contextos mais semelhantes ao Algar do Bom Santo, em grande medida pelo seu bom estado de preservação aquando da sua descoberta e metodologia arqueológica aplicada. Por outro lado, o Algar do Barrão veio a revelar a presença de uma delimitação pétreia associada às deposições funerárias, também identificada no Algar do Bom Santo. No Lugar do Canto foi ainda registada a preferência por locais recônditos para colocação dos restos

¹⁰ Gruta da Nossa Sr.ª das Lapas, Gruta do Cadaval, Gruta do Morgado Superior e da Estremadura espanhola: Cueva de los Postes e Cerro das Baterias (Tomé, 2011).

humanos, com associação a espólio disposto, de forma semelhante ao Algar do Bom Santo. A Gruta dos Ossos por outro lado apresenta uma deposição secundária esquelética com um padrão de organização muito semelhante à da Sala A do Algar do Bom Santo (Fig. 2.17). Por último de referir que todas estas grutas foram utilizadas como locais de inumação de indivíduos masculinos e femininos, maduros e imaturos.

Tabela 2.3

Cronologias das grutas-necrópole da Estremadura utilizadas como sepultura coletiva no Neolítico Médio (4500-3500 AC): Est, Estremadura; C, camada

Localização	Topónimo	Lab	Contexto	BP	Cal BC 2 σ	Referências	
Alta Est.	Alqueves	ICEN – 64	Nível 2	4490 \pm 50	3360-3020 (95,4)	Vilaça e C.-Ribeiro (1987)	
	Cadaval	I – 17241	C. C	5180 \pm 140	4330-3700	Lopes (2006)	
	Gruta dos Ossos	Beta – 189996	C I-III	4330 \pm 40	3030-2890 (91,9)	Tomé (2006)	
		ICEN – 465	C I-III centro	4630 \pm 80	3540-3260 (67,8)	Cruz et al., 2013	
		I – 17368	C I-III periferia	4460 \pm 110	3380-2890 (92,7)		
		I – 17248	C IV	3970 \pm 140	2880-2130 (94,8)		
N. Sr. ^a das Lapas	I – 17247	C b	5130 \pm 140	4260-3650 (95,2)	Cruz et al., 2013		
Média Est.	Algar do Barrão	ICEN – 740	Superfície	4660 \pm 70	3360-2920 (95,4)	Carvalho et al. (2003)	
		Wk – 32471	#01	4907 \pm 39	3770-3635 (95,4)	Carvalho e Petchey (2013)	
		Wk – 32472	#02	4553 \pm 37	3485-3100 (95,4)		
		Wk – 32473	#03	4929 \pm 39	3785-3645 (95,4)		
		Wk – 32474	#04	4551 \pm 36	3485-3100 (95,4)		
	Casa da Moura	TO – 2092	“depósito superior”	4850 \pm 100	3950-3350 (95,4)	Lubell et al. (1994)	
		TO – 2093	“depósito superior”	5070 \pm 70	3990-3700 (95,4)		
		TO – 2094	“depósito superior”	5020 \pm 70	3960-3660 (95,4)		
		Wk – 28004	#02	4786 \pm 30	3650-3510 (95,4)	Carvalho e Cardoso (2010/11)	
		Wk – 28005	#03	4775 \pm 30	3650-3380 (95,4)		
		Wk – 28007	#05	4932 \pm 30	3780-3650 (95,4)		
		Wk – 28008	#06	4154 \pm 30	2880-2620 (95,4)		
		Wk – 28009	#07	4765 \pm 30	3640-3380 (95,4)		
		Wk – 28010	#08	4736 \pm 30	3640-3370 (95,4)		
	Cova das Lapas	ICEN – 463		4550 \pm 60	3380-3080 (85,9)	Carvalho et al. (2003)	
	Covão do Poço	Beta – 134407	C 0	4360 \pm 60	3120-2880 (87,3)	Carvalho et al. (2003)	
	Feteira	Sac – 1563			3600-2900	Horwath et al. (2014)	
	Gruta da Marmota	OxA – 5535		4605 \pm 55	3530-3260 (70,4)	Gonçalves (2003)	
	Lugar do Canto	Beta – 276510	Sector a, h32	4720 \pm 40	3635-3370 (95,4)	Carvalho e Petchey (2013)	
		Wk – 30208	Sector a, h35	4742 \pm 34	3640-3375 (95,4)		
		Wk – 30209	Sector a, h36	4849 \pm 29	3705-3535 (95,4)		
		Beta – 276509	Sector b, h06	4770 \pm 40	3645-3380 (95,4)		
		Wk – 30211	Sector b, h03	4733 \pm 29	3635-3375		
		Wk – 30212	Sector b, h07	4772 \pm 30	3645-3380		
		Wk – 30210	Sector c, h15	4819 \pm 32	3660-3520		
	Baixa Est.	Porto Côvo	Beta – 245134		4870 \pm 40	3760-3630 (86,5)	Gonçalves (2008)
			Beta – 245136		4790 \pm 40	3660-3510 (92,1)	
Beta – 244819				4660 \pm 40	3530-3360 (90,9)		
Beta – 245133				4650 \pm 40	3530-3350 (93,0)		
Beta – 244818				4580 \pm 40	3380-3260 (39,7)		
Carrasca		UBAR – 537		4460 \pm 70	3370-3000 (91,9)	Umbelino (2006)	
Rocha Forte		TO – 357		4480 \pm 60	3360-2920 (95,4)	Lubell et al. (1994)	